

setembro 2005 • ano 2



Observação de aves

ATIVIDADE QUE REÚNE TURISMO E CIÊNCIA
GANHA ESPAÇO E PÚBLICO NO BRASIL

O RECENTE SUCESSO DOS DESTINOS LITERÁRIOS • AVENTURA COM MAIS SEGURANÇA E QUALIDADE



As aves que aqui GORJEIAM...

A região sul da Amazônia vem se firmando mundialmente como um dos novos pólos do turismo de observação de aves, segmento pioneiro do ecoturismo que pode ganhar espaço em diferentes pontos do país

Texto e fotos: Marcelo Maragni

Em silêncio um pequeno grupo de pessoas usando roupas camufladas caminha cautelosamente pela floresta. Com olhos e ouvidos atentos procuram entre galhos e folhas os pássaros mais raros. É uma caçada em plena Amazônia, que exige paciência e determinação. Mas essas pessoas não estão armadas com rifles ou espingardas para abatê-los, tampouco com arapucas para capturá-los, mas sim com binóculos e lunetas, apenas para apreciar mais de perto as aves na floresta. São observadores de aves, praticantes de uma atividade turística ainda incipiente no Brasil, mas que conta com milhões de adeptos pelo mundo.

A observação de aves, ou birdwatching, como a atividade é conhecida mundialmente, mistura turismo e ciência numa constante troca entre observadores e pesquisadores. Os turistas são como detetives na mata que relatam as suas descobertas, enquanto os ornitólogos catalogam, decifram e estudam

as aves e seus hábitos, publicando informações valiosas tanto para a ciência quanto para os turistas.

Os birdwatchers, como são chamados os adeptos desse tipo de atividade, formam um grupo peculiar. São turistas normalmente acima dos 35 anos de idade, casados, de ambos os sexos, principalmente norte-americanos, canadenses, europeus e australianos. Apaixonados por viagens, são seduzidos pelo canto, pelas cores e pelos detalhes dos pássaros. A menor diferença entre dois exemplares de espécies muito parecidas não passa despercebida. Querem ver o maior número de espécies diferentes para colocá-las nos rankings particulares de pássaros avistados, e quanto mais difícil de encontrar uma determinada ave, maior o seu valor.

Na porção mais ao norte do estado de Mato Grosso, já na região sul da Amazônia, o hotel de selva Cristalino Jungle Lodge é um dos pioneiros nessa atividade no Brasil. Em 1989 recebeu por acaso a visita do renomado ornitólogo



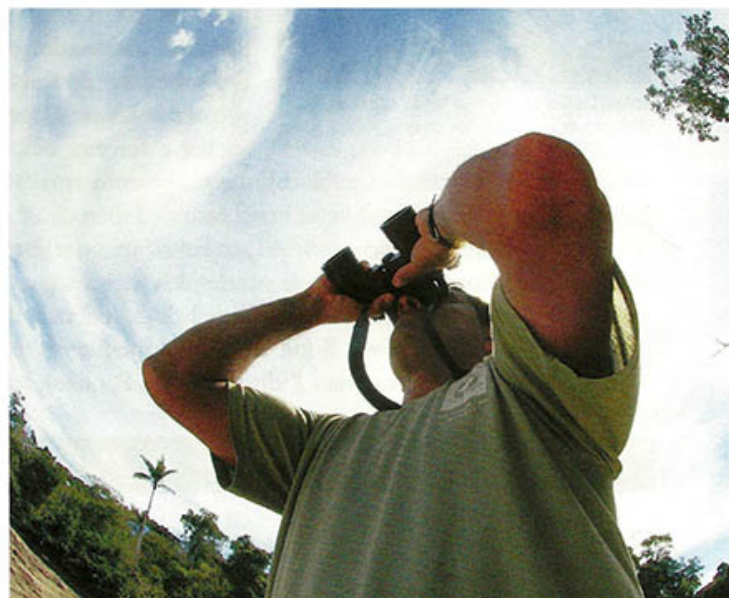
Ted Parker, numa época em que o hotel atendia apenas turistas interessados em pesca esportiva. Ted se encantou com a diversidade de aves do local, tendo encontrado espécies nunca descritas na Amazônia brasileira. A notícia correu rápido e logo outros renomados cientistas foram conferir os relatos de Parker. A partir daí um novo público passou a frequentar o hotel. Hoje são contabilizadas 570 espécies na enorme área do Cristalino, das muitas variedades de tucanos, araras, papagaios e cotingas a exemplares pouco conhecidos, como o barbudo-de-pescoço-ferrugem e o socó zigzague. Muitas dessas espécies são endêmicas, e o número de registros tende a aumentar com as descobertas feitas no local, como a do Falcão Crypto, uma nova espécie recentemente localizada.

A localização do Cristalino também ajuda. O hotel está dentro de uma Reserva Particular do Patrimônio Natural

Na página ao lado, harpia; acima, periquitos à beira do Rio Cristalino, espécies localizadas no sul da Amazônia, e gavião do pantanal. Ao lado, observador no Cristalino Jungle Lodge

que faz fronteira com o Parque Estadual Cristalino, que por sua vez faz fronteira com uma área de preservação da Força Aérea Brasileira, na Serra do Cachimbo. O rio que dá nome ao hotel tem todo o seu curso, da nascente à foz, dentro de áreas protegidas, preservado de pressões externas como a atividade madeireira, muito presente em todo o sul da Amazônia. Mas ao mesmo tempo em que está isolado no meio da mata o hotel fica apenas a pouco mais de uma hora da cidade de Alta Floresta (MT), onde há aeroporto com linha aérea regular para a capital do estado, Cuiabá. A facilidade de acesso ao hotel é apontada pelos observadores de aves como uma grande vantagem sobre os outros bons locais de observação em toda a Amazônia. No Parque Nacional do Manu, no Peru, por exemplo, que é considerado um dos locais com a maior biodiversidade de aves da Amazônia, o difícil acesso inibe os observadores mais idosos: são cerca de 16 horas de barco, mais algumas horas de ônibus até chegar lá, numa verdadeira viagem de aventura.

Cerca de 25 quilômetros de trilhas suprem as necessidades dos observadores no Cristalino, o que coloca um grupo de turistas longe de outro, para que não haja qualquer interferência durante a atividade. Mas o que mais chama a atenção dos observadores no hotel é a sua torre em meio à floresta. Em viagem pela América do Sul, o professor da Universidade de Stanford Chip Haven percorreu os principais pontos para a ornitologia e observação de aves dos países amazônicos. Elegeu o Cristalino Lodge como o melhor deles, doando ao hotel 15 mil dólares para a construção de uma torre de observação. Feita de aço galvanizado, com 50 metros de altura, a torre tem três patamares em alturas diferentes para a observação, nos diferentes estratos da floresta, de seus ilustres moradores. Era o que faltava ao hotel para impulsionar a atividade.



Em 2004, o Cristalino recebeu cerca de 800 observadores de aves estrangeiros, e a expectativa para 2005 é de crescimento, com a recente construção de quatro novos bangalôs. Seu público é composto por 99% de estrangeiros, entre observadores de aves e ecoturistas que também visitam o hotel para conhecer a Amazônia. O casal capixaba Patrícia Stuhe e Geraldo Oliveira é um dos poucos observadores de aves brasileiros que já foram ao Cristalino, motivo de comemoração para Vitória da Riva, proprietária do hotel. “O brasileiro ainda não tem o hobby de observar aves”, comenta Vitória. Segundo ela, os brasileiros ainda não descobriram a atividade, uma questão cultural que depende de diluição e leva tempo para mudar.

Exemplo de mudança é o guia local Francisco de Castro Souza, que saiu do Piauí em 1988 atraído pela promessa de ouro e diamantes a serem descobertos na região. Trabalhou por pouco mais de três anos, mas desiludido com a falsa perspectiva de riqueza, a violência e uma malária que quase custou sua vida, Francisco deixou o garimpo para buscar novas oportunidades. Não queria mais saber da floresta até que em 1996 aceitou o terceiro convite que tinha recebido para trabalhar no hotel. A partir daí mudou sua visão da Amazônia e hoje é o guia mais requisitado do Cristalino Lodge. Sabe onde as aves territoriais vivem, tem paciência para encontrá-las e muita disposição para aprender. “A natureza é mais que uma escola, cada dia

ela ensina algo novo”, comenta Francisco, realizado com o trabalho na mata. Do intercâmbio com observadores de aves norte-americanos e europeus, Francisco ganha conhecimentos de biologia, ecologia e, sobretudo, ornitologia, ao mesmo tempo em que ensina coisas sobre a floresta que só quem vive nela pode conhecer. Esse intercâmbio é muito importante para elevar a qualidade do serviço, e a proprietária do Cristalino Lodge sabe disso. Vitória mantém um programa de apoio a pesquisadores no hotel, recebendo doutores e universitários, entre eles os alunos do brasileiro Carlos Peres, um importante professor doutor de ecologia na Universidade de East Anglia, na Inglaterra.

Outro frequentador brasileiro do

AS PROEZAS DO HOMEM-PÁSSARO



Johan Dalgas Frisch e, ao fundo, sua mulher, Birte, na aldeia dos índios tiriós

Inadequado fazer *bird-watching tour* (turismo de observação de pássaros) no Brasil sem levar para o mato os livros (e talvez até os discos) de Johan Dalgas Frisch, titã da ornitologia mundial. Johan e seu filho único, Christian, fizeram “curso de padre” durante dois anos só para atualizar e aperfeiçoar a terceira edição

da autobiografia de Johan, *Aves Brasileiras: Minha Paixão*. A história desse engenheiro paulistano de 75 anos, filho de dinamarqueses, é um baú de façanhas.

Ele é pioneiro na gravação de cantos de aves na América do Sul. Lançou dezenas de LPs e CDs com cantos de pássaros. O LP *Vozes da Amazônia com o Lendário Canto do Uirapuru* (1960), primeiro de uma série, atraiu a atenção do mundo. Os episódios que antecederam o lançamento desse disco merecem uma faixa especial. Pelo seguinte: “O uirapuru só canta durante cinco minutos por ano, no início da estação das chuvas”.

Depois de passar meses na Amazônia, Johan foi para o Acre, mas não chovia por lá havia uns três meses. Ao anoitecer do mesmo dia em que chegou, começou a cair uma chuva imprevista, com gotas grossas, pesadas. “Na manhã seguinte, a floresta inteira cantava. Saí, então, com o índio que me guiava, e ele me garantiu que o uirapuru havia cantado também.”

Seu ouvido está para o canto das aves como o de Beethoven para a música. Instalou a parafernália de gravação, com parabólica e tudo, e se concentrou. “Era o canto do uirapuru sim!” Ainda na mata, enquanto ouvia o que gravava,

do clássico *Aves Brasileiras*, publicado originalmente em 1964 e ilustrado pelo desenhista Svend Frisch, pai de Johan.

Curso de padre, como assim? “Estudamos grego e latim mais de dois anos para traduzir os nomes das espécies para o português”, conta o autodidata Johan Frisch, debochado. “Catalogamos e ilustramos 1,8 mil espécies.” Juntamente com a nova edição de *Aves Brasileiras* (Editora Dalgas Ecoltec), sairá



Arara na Chapada dos Veadeiros: a região do cerrado é um dos destinos potenciais para a observação de aves

Cristalino, o fotógrafo de aves Edson Endrigo costuma guiar alguns grupos de observadores pelo Brasil, como atividade complementar à fotografia. Ele fica indignado com a falta de visão de alguns donos de pousadas que não fazem o menor esforço para entender e seduzir os observadores. Para receber bem um grupo de observadores de aves não é preciso muito, lição que a equipe do Cristalino Lodge já aprendeu e pratica sem problemas.

Trilhas bem cuidadas são essenciais, e guias locais treinados, com conhecimento da avifauna da região, complementam o conhecimento de guias ornitólogos que costumam organizar grupos. Por último é preciso procurar entender algumas necessidades específicas desse público, que costuma viajar muito. Acordar antes de o sol nascer é regra, mas as pousadas se recusam a servir o café da manhã mais cedo. Colocar algumas frutas para que os pássaros visitem as janelas dos quartos ou mesmo em outras áreas da pousada é um mimo cativante, raramente praticado. Outra coisa importante é cobrar valores justos: “Observador de aves não é saco de dinheiro e sabe muito bem quando está

ocorre o “milagre”: um uirapuru pousa no equipamento de som. “Reproduzi o primeiro canto e ele fez o segundo. Toquei o segundo e ele emendou com o terceiro. Pronto. Eu já tinha as três variações melódicas do uirapuru, como se fossem sons de flauta. Me emocionei.”

Essa proeza de Johan ecoou fora do Brasil também. Até o presidente John F. Kennedy louvou-o publicamente. De canto em canto, de disco em disco, de livro em livro, Johan foi fazendo amigos pelo mundo, como o bilionário Nelson Rockefeller, ex-prefeito de Nova York, e Charles Lindbergh, o aviador que realizou o primeiro voo sem escalas de Nova York a Paris.

A reputação internacional o ajudaria também em sua luta pela preservação da natureza. A criação do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, nos estados do Pará e Amapá, paraíso de 3,8 milhões de hectares, área do tamanho da Bélgica, teve o dedo de Johan. “É o maior parque de floresta tropical do planeta”, orgulha-se.

Mas ele interferiu também no ambiente urbano. Certa vez detectou-se que o número de espécies de passarinhos na selva paulistana diminuía de 200 (1930) para meia dúzia (1964). Com campanhas no rádio e na TV, Johan estimulou

os habitantes a plantar amoreiras, pitangueiras, jabuticabeiras e abacateiros. “Em 20 anos as árvores ficaram adultas e, hoje, a cidade de São Paulo é uma das que mais têm sabiá-laranjeira e sanhaço.”

Uma proeza recente se refere a beija-flores. No final de 1998 Johan partiu para os Andes, entre a Colômbia e a Venezuela, a uns 3 mil metros de altitude, à procura do beija-flor pico-espada, cujo bico pode atingir 12 centímetros, ou seja, mais comprido do que todo o corpo. “Muitos o consideravam extinto, mas eu sabia que não era verdade.” Não só seguiu sua intuição como conseguiu fotografar o pico-espada, proeza que um bem equipado time da BBC de Londres havia deixado escapar.

Johan Frisch acha que o Brasil já possui infra-estrutura para receber *birdwatchers* estrangeiros, os mais capazes, atualmente, de bancar o alto custo dessa modalidade de ecoturismo. “No Pantanal e na Amazônia, regiões mais procuradas pelos gringos, tem hotéis chiques até demais.” Um presidente de multinacional teve a honra de sobrevoar o pantanal com Johan em um combalido avião Cessna 180. “Voamos baixo a ponto de ver tuiuiús no ninho”, lembra. (Sergio Vilas Boas)

sendo enrolado”, comenta Endrigo. Guias locais que cobram mais caro para fazer os passeios mais cedo, empreendimentos que aumentam os preços de ingresso às trilhas para grupos de observadores de aves e pousadas que cobram mais caro de estrangeiros são atitudes recebidas como abuso, que espantam qualquer um.

Essas atitudes são ainda mais graves se levarmos em conta que os observadores de aves trocam muitas informações sobre as suas experiências, sobre locais para a atividade, guias, aves avistadas, equipamentos etc. Isso faz da propaganda boca a boca, positiva ou negativa, o maior divulgador de prestador de serviço nesse meio. Fazendo o melhor os frutos virão; do contrário é melhor esquecer.

O comportamento dos observadores de aves é exemplar, desejável por qualquer empresário do turismo. Eles acordam cedo e logo vão para a mata, onde caminham devagar e em silêncio para não incomodar as aves, recolhendo lixo quando encontram. Voltam para o almoço e de tarde saem novamente para campo. De noite, após o jantar, os observadores mais sistemáticos fazem o check-list, confrontam as listas de pássaros observados pelo grupo, conferindo exatamente quais espécies foram vistas durante o dia. Para isso, após observar as aves com lunetas e binóculos, anotam o nome das aves, consultando livros e guias específicos, e os horários em que foram observados, para depois conferir com os outros colegas. Depois disso é hora de dormir, para levantar cedo no dia seguinte.

Precisamos ficar atentos e deixar a burocracia de lado para atender esse público. Alguns parques públicos pelo Brasil têm regras muito rígidas em relação aos horários, o que impede a visita dos observadores. No cerrado, por exemplo, a hora certa para se observar aves é entre 6 e 9 horas da manhã – depois disso é difícil encontrar as –, mas alguns locais só abrem as portas às 8 horas. Alguns parques já entendem essa necessidade especial e, com uma conversa prévia, liberam a entrada no horário solicitado. É o caso do Parque Nacional da Serra da Canastra, considerado por Endrigo um ótimo local para observar aves típicas do cerrado.

Na Mata Atlântica há uma grande vantagem, que é a variação de altitude. Com isso, numa viagem por dois diferentes destinos, como Ubatuba e Itatiaia, por exemplo, é possível observar aves bem diferentes. No estado de São Paulo o Parque Estadual de Intervales oferece estrutura de hospedagem, refeitório e ótimas trilhas, numa enorme região de Mata Atlântica preservada, sendo assim muito usado para a atividade. Na própria cidade de São Paulo o Parque da Cantareira é indicado para tal, com muitas espécies.

O Pantanal é outro destino badalado, contando com



Torre de observação no Cristalino Jungle Lodge: 50 metros de altura e patamares em alturas diferentes para melhor observação da floresta e de seus moradores

guias de primeira linha. A sua diversidade é menor, porém se encontram aves em bandos e a vegetação não esconde os pássaros, que podem ser vistos com facilidade. Nos grandes ninhais, é comum encontrar centenas de pássaros juntos. Em outros ecossistemas, como a caatinga, também há o que se ver, mas ainda não há boa infra-estrutura para receber os observadores. Nas zonas litorâneas e nos lagos do Sul do país a atividade também é possível.

O Brasil é naturalmente dotado de características perfeitas para a observação de aves, cujo potencial econômico vem sendo explorado de modo muito tímido pela indústria do turismo. É preciso aprender a receber os observadores em todos os ecossistemas, adequar os serviços e espalhar para os birdwatchers de todo o mundo que estamos prontos para recebê-los, que “os nossos bosques têm mais vida” e estão repletos de pássaros coloridos para serem vistos. ●